

Corpo em relação: contribuições de Marcel Mauss e Luc Boltanski para a Sociologia do Corpo

Mauricio Priess da Costa¹

Recebido em setembro de 2021

Aceito em dezembro de 2021

RESUMO

O corpo como objeto de estudo sociológico pode oferecer inúmeros desafios e não menos *insights* para o pensamento social. Dois importantes autores que trabalham este tema são Marcel Mauss e Luc Boltanski, que mostram tradições e formas diferentes de pensar o corpo. Uma análise de ambos os textos, pode mostrar pistas e direções sobre a categoria, bem como oferecer ferramentas, métodos e ideias de acesso ao corpo como *nexus* entre indivíduo e sociedade, servindo inclusive como meio de crítica à tradições sociológicas clássicas numa tentativa de superação da dicotomia sujeito/sociedade. Os textos aqui apresentados se dedicaram a explorar esse objeto tão íntimo e, por isso mesmo, tão difícil de ser definido em suas dialéticas relações com as sociedades que influenciam e são influenciadas pelo movimento humano. Os autores, mesmo que incipientemente, mostram formas de análise social que serão fundamento para correntes sociológicas ainda mais focadas na ação social disruptiva, como a Sociologia pragmática e a Sociologia do Corpo.

Palavras-chave: corpo; sociedade; relações sociais.

Body in relation: contributions by Marcel Mauss and Luc Boltanski to the Sociology of the Body

ABSTRACT

The body as an object of sociological study can offer countless challenges and no less insights for social thought. Two important authors who work on this theme are Marcel Mauss and Luc Boltanski, who show different traditions and ways of thinking about the body. An analysis of both texts can show clues and directions about the category, as well as offer tools, methods and ideas for accessing the body as a nexus between individual and society, have even been used to criticize classical sociological traditions in an attempt to overcome the subject/society dichotomy. The texts presented here are dedicated to exploring this object, which is so intimate and, for that very reason, so difficult to define, in its dialectical relationships with societies that influence and are influenced by human movement. The authors, even if incipiently, show forms of social analysis that will be the foundation for sociological theories even more focused on disruptive social action, such as pragmatic sociology and sociology of the body.

Keywords: body; society; social relations.

¹ Discente do programa de Pós-graduação em Sociologia no PPGSOCIO da UFPR sob orientação da Profª. Dra. Simone Meucci. Professor da Prefeitura de Curitiba-PR. Bolsista FIOTech. E-mail: priess@gmail.com.

O corpo humano: tábula rasa sobre a qual uma sociedade coercitiva escreve suas regras e comportamentos; força motriz desta sociedade através de suas ações transformadoras ou fruto de influências de uma estrutura econômica? As Ciências Sociais podem observar o corpo sob diversas formas. Através desta literatura (e em textos de áreas afins), é possível buscar a relevância deste objeto no estudo das sociedades humanas. Desde Aristóteles (2009), as aprendizagens corporais já chamam a atenção da intelectualidade ocidental. Nos interessa aqui, escrutinar um pouco da produção sobre o corpo na gênese e desenvolvimento das Ciências Sociais, para identificar legados e influências, aprofundando o tema e estimulando o pensamento social.

Assim, o objetivo deste pequeno artigo é mostrar como o corpo é um objeto de estudo social multifacetado e como sua obviedade esconde a grande complexidade de suas relações. Pretende-se analisar dois intelectuais: Marcel Mauss (2003) e Luc Boltanski (2004), buscando evidências de diferentes objetivações do corpo como *locus* onde se materializa a relação e interação social. De conceitos mais abstratos e generalistas, até a pesquisa empírica dos cuidados corporais, se pretende buscar diferentes métodos e técnicas do conhecimento relativo ao corpo e como eles influenciam a Sociologia na contemporaneidade.

Na primeira seção, a análise recai sobre o texto mais antropológico de Marcel Mauss, “As técnicas do corpo” (2003), um pequeno ensaio com grande impacto sobre as percepções de tradição e educação corporal. Já na segunda seção a discussão se desdobrará com o livro de Luc Boltanski, “As classes sociais e o corpo” (2004), uma análise empírica sobre as visões da medicina e dos conhecimentos populares sobre os cuidados corporais. Finalmente, na terceira seção, será demonstrado como esses estudos permanecem relevantes, atuais – mesmo com suas peculiaridades – e como deixam um legado dentro da Sociologia, problematizando o corpo como relação social a ser objetivada.

Marcel mauss: o corpo como idiosincrasia social

Jogar, dançar, operar uma máquina, cuspir, saltar. Pode parecer um manual de educação física ou de psicomotricidade, mas é na verdade o início da observação que deu origem a uma tradição sociológica e antropológica, operando no despertar dessas disciplinas. Todos os grupos humanos transmitem suas ideias, valores e organizações, através de técnicas que, por sua vez, são expressas e absorvidas através dos corpos. As representações desses grupos sociais, são impressas em um corpo que já possui experiências únicas e expressas através das atitudes cotidianas. Novamente recorro aos verbos: balançar, equilibrar, dormir, urinar. Todas as sociedades os fazem – nenhuma igual à outra. A posição das mãos, dos braços, até mesmo os órgãos usados para mecânica da respiração são, pelo menos em parte, socialmente construídos. O corpo é tratado aqui como um instrumento: “o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem” (MAUSS, 2003, p. 407).

Nesse brilhante ensaio, Marcel Mauss apresenta o que começa a esboçar como objeto de pesquisa sociológica: menos o corpo em si do que as técnicas que se inscrevem nos corpos sociais. Através de observações práticas de atitudes cotidianas, foi capaz de chegar à conclusão de que as técnicas corporais são uma “idiosincrasia social”, o resultado de uma mistura peculiar de estímulos, ou seja, que os atos corporais são transmitidos pela sociedade mais do que resultado único de mecanismos psíquicos individuais. Para além da totalidade dessa afirmação, é interessante notar como o acesso a esse objeto de estudo, se dá pelos atos educacionais sobre ele. O ato de transmissão das técnicas deve ser tradicional e eficaz. Existe assim, “uma técnica do mergulho, e uma técnica de educação do mergulho”. (MAUSS, 2003, p. 402).

Para o autor, técnicas podem sofrer mudanças cumulativas (através de seu estudo específico), que podem torná-las mais eficientes. Todavia, o processo de inculcação e treino de determinada técnica é lento e demora a se sedimentar no corpo. É possível observar hoje como é difícil nos adaptar a novas técnicas, principalmente de manipulação do corpo, com o passar do tempo. Ficamos espantados com a facilidade com que as gerações mais jovens lidam com as tecnologias de forma muito mais “natural”. Como dominam rapidamente qualquer aparelho de comunicação e suas

interfaces como forma de expressão e divertimento, inclusive de natureza corporal. Mesmo para a geração anterior, nascida nos anos 1980, ainda que já possuísse contato com tecnologias comunicacionais, lida de maneira diferente ao se acostumar às novas formas de comunicação e expressão.

Para explicar essa relação envolvida no aprendizado e na mudança das técnicas corporais ao longo do tempo, Mauss evoca o conceito aristotélico de *habitus*: aquilo que é construído através da educação, que é estudado. O *habitus* é um conceito específico. Se difere do “hábito” que é adquirido através da mera observação e imitação. Longe de invocar, metafisicamente, um “espírito” da memória, o *habitus* maussiano designa o que é lentamente apropriado através de um ato educacional, mesmo que inconsciente ou desapercibido enquanto tal. Sem perceber, as pessoas constroem sua motricidade baseada em elementos diversos dos ambientes em que vivem: jeitos de andar, de dançar, de flertar apresentam características de todo um sistema de influências que atravessa o corpo.

Assim, neste universo de movimentações possíveis, o que dá peso e vetor para estimular a imitação de determinado ato, é a autoridade investida em quem se move e sua influência sobre os demais indivíduos. Essa autoridade pode ser institucional, como entre professor e aluno, ou mais informal como entre o público que imita os trejeitos de certa celebridade da música ou do cinema. O termo funciona como um elo dialético entre o indivíduo e a sociedade, uma vez que o *habitus* é produto tanto coletivo quanto individual. Nenhuma pessoa terá exatamente as mesmas experiências que outras: os “hábitos mentais” tradicionalmente aprendidos são frequentemente confrontados com outras fontes de conhecimento, que fazem parte de determinado grupo social gerando assim uma manifestação única em cada pessoa.

Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, com as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição (MAUSS, 2003, p. 404).

O corpo é assim, uma entidade que se manifesta como uma interface entre a subjetividade e objetividade do social. É possível observar aqui o fato social total

maussiano, que além as características do fato social², engloba as esferas econômica, moral, estética e política. As técnicas do corpo não deixam de ser, para o autor, fatos sociais totais:

Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos a chamá-los, exprimem-se de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas – estas supondo formas peculiares de produção e consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (MAUSS, 2013, p. 10).

Os atos corporais são assim observados como resultado de atos educacionais, estabelecendo uma hierarquia de uma pessoa que educa para uma que a imita. É aí que se pode observar todo aspecto social do corpo, uma vez que o ato educacional situa o indivíduo, estabelece e é estabelecido pela sua condição social.

É interessante notar como o autor usa cenas do cotidiano, que poderiam ser consideradas banais não fosse a perspicaz análise dos usos das técnicas corporais. A ligação entre indivíduo e sociedade, uma das problemáticas clássicas da Sociologia é astutamente observada nessas situações corriqueiras da vida em sociedade e nos atos de transmissão do conhecimento. Não haveria situação corporal que não nos fosse imposta pela sociedade, ainda assim, regras sociais de comportamento corporal mudam o tempo todo e conforme os lugares; e mudam por que cada corpo é único, mesmo com todas as influências e coerções, cada corpo interpreta essas coerções de certa maneira, gerando movimento, nos vários sentidos da palavra.

Essa adaptação constante a um objeto físico, mecânico, químico (por exemplo, quando bebemos) é efetuada numa série de atos montados, e montados no indivíduo não simplesmente por ele próprio mas por toda a sua educação, por toda sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa (MAUSS, 2003, p. 409).

² “Um facto social se reconhece pelo poder de coerção externa que exerce ou é capaz de exercer sobre os indivíduos; e a presença desse poder se reconhece, por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a toda tentativa individual de violá-lo.” (DURKHEIM, 2004, p. 44). Durkheim coloca como o fato social é o objeto específico da Sociologia, representando o social: uma força anterior, exterior e coercitiva em relação ao indivíduo.

A Sociologia acumulou algumas categorias que atravessam toda a disciplina. São como axiomas, que estarão presentes em qualquer grupo estudado. Das mais clássicas como classe social, até as mais contemporâneas como gênero e etnia, esses termos, sem dúvida, também atravessam (e são atravessados), pelo corpo. Em todos os casos é ele, inclusive que sente e expressa essas categorias. Uma das principais revelações do estudo das técnicas do corpo, é a de que aquilo que nos parece trivial e natural é, na verdade, produto de uma mistura amplamente influenciada pela sociedade.

Para o autor, até mesmo as coisas mais básicas da vida como, dar a luz ou respirar, embora universais, são moldadas de acordo com a história dos grupos sociais aos quais a pessoa está vinculada. Por exemplo: nos exercícios físicos escolares aprendemos a respirar inflando a caixa torácica, mas nas técnicas de canto e teatro é muito mais produtivo uma respiração feita através do diafragma. Mesmo dentro do mesmo estrato social, os usos do corpo podem mudar. Um contraponto à noção clássica de sujeito, que está constantemente respondendo às coerções da sociedade. Essa abordagem, de uma análise sociológica das técnicas corporais, por mais que esteja ainda calcada na dualidade sujeito/estrutura, se mostra rica e muito atual, permitindo acessar o corpo em um de seus componentes mais básicos: a aprendizagem. Todas as sociedades humanas transmitem conhecimento. Transmitem através do corpo e para os corpos de outrem. É aí que reside uma “matéria social” quase palpável. O simples fato de reconhecer, enquanto técnicas, as ações da vida cotidiana de qualquer sociedade, já mostram a atualidade do pensamento maussiano.

Na introdução do livro “Sociologia e Antropologia” (2003), que contém o texto de Mauss com o qual dialogamos, Levi-Strauss, argumenta sobre a ideia de criar os *Arquivos internacionais das técnicas corporais*, ressaltando como seria uma obra realmente internacional (e absolutamente sociológica), visto que não existe sociedade que não deva contribuir à sua maneira para essa arcabouço de formas únicas de lidar com os corpos. Aquilo que nos parece mais natural é também portador de uma série de determinações exteriores, socialmente influenciado através das técnicas. Afirma Mauss: “talvez não exista maneira natural no adulto” (MAUSS, 2003, p. 405) e acrescento: talvez, nem na criança.

Boltanski: corpo empírico

Antes de mais nada, é importante destacar que “As classes sociais e o corpo” (2004), é um texto produzido em uma incipiente fase intelectual do autor, quando ainda era assistente de Pierre Bourdieu e amplamente influenciado pela sua Sociologia crítica. Aqui, Boltanski usa inclusive, a categoria bourdieusiana de *habitus*, que veremos, mantém diferenças em relação à definição de Marcel Mauss. O próprio Boltanski ao desenvolver, com outros autores, sua Sociologia pragmática, critica certo resquício estruturalista da Sociologia crítica, por sua incapacidade de escuta e reconhecimento da ação social autônoma de atores e atrizes.

Portanto, a relação entre descrição sociológica e crítica é extremamente complicada, especialmente porque Bourdieu não está preparado para atribuir um papel importante à moralidade nesse contexto. Ao contrário do marxismo, Bourdieu não endossa uma versão específica da filosofia da história que poderia fornecer uma base para a descrição de contradições imanentes. De fato, essas contradições simplesmente não existem em seu universo. Ele descreve um mundo permeado por mecanismos de dominação que são reproduzidos em grande medida de maneira inconsciente e estratégica. De que serve criticar, porém, se o mundo é “naturalmente” assim e se, portanto, a mais admirável intenção revolucionária e moral pode ser reduzida a um efeito da falsa consciência e está condenada ao fracasso? (BOLTANSKI, 2021, p. 3).

Por mais que “As classes sociais e o corpo” (2004) possa parecer um estudo superado no contexto intelectual do autor, o texto permanece relevante. O que nos interessa verdadeiramente é a sagacidade de sua pesquisa empírica e dos *insights* que os cuidados com o corpo podem suscitar na teoria sociológica.

Enquanto Mauss escreve de um arcabouço corporal de toda a humanidade, conferindo certa primazia a uma estrutura social de transmissão de suas técnicas e usos do corpo, Luc Boltanski (2004) baseia-se em uma análise empírica e é enfático na ideia da divisão econômica operando nas formas de cuidar e tratar do corpo. O autor pretende analisar esse objeto através de dados qualitativos e quantitativos, baseados em teorias clássicas e influências não tão clássicas assim. É notável sua aproximação com Karl Marx já no título da obra, com as classes sociais em primazia. Essas classes são expressas como fruto da organização social baseada na divisão do trabalho e, por

mais que outras variáveis sejam consideradas e dominantes em alguns casos, todas elas se relacionam diretamente com o nível econômico das pessoas. Além disso, o rigor da análise empírica e a aproximação com os temas clássicos da Sociologia chamam a atenção por toda a obra, que não apenas elege o corpo como objeto sociológico, mas mostra como a Sociologia é capaz de descobrir aspectos únicos das relações, revelando toda a diversidade deste objeto.

Diferentemente de relatar experiências ou classificar técnicas, o autor usa outros métodos para acessar o corpo como objeto de estudo, partindo de 120 entrevistas realizadas com famílias do centro e dos subúrbios de Paris, além das áreas rurais no entorno da cidade. Seu principal tema é o cuidado médico, os cuidados com o corpo. Mesmo assim, não acredita que esse tipo de informação por si só possa oferecer grandes explicações, usando a teoria e as respostas das entrevistas para explorar generalidades e peculiaridades entre as famílias.

Ao melhor estilo durkheimiano³, Boltanski estabelece o que diferencia o estudo sociológico do corpo de outras ciências cujo o corpo também é objeto privilegiado de estudo, como a Antropologia, a nutrição clínica ou a sexologia. Destarte a Sociologia não pode ser uma justaposição de outras técnicas e ciências corporais, dada a relevância deste no entendimento da sociedade.

Neste texto, ainda é possível observar influências da Sociologia crítica de Bourdieu na definição da categoria *habitus*, apresentando-o como “princípio gerador e unificado dos comportamentos” (BOLTANSKI, 2004, p. 162), que são como regras interiorizadas e que mediam as relações de um grupo ou comunidade através de suas práticas. Assim, quaisquer que sejam as análises feitas usando o corpo como objeto, não podem ser completamente explicadas por um pensamento parcial como o econométrico, ou de variação de consumo. É na mediação da ordem cultural que são transformados determinismos sociais em regras, gostos e aversões que explicam os

³ Refiro-me aqui, ao livro “O suicídio” do autor francês, no qual dedica boa parte do texto a desmistificar causas atribuídas ao suicídio que ele chama de extra-sociais, como as causas psíquicas ou do meio físico: “Os resultados do livro anterior não são puramente negativos. Nele mostramos, com efeito, que existe para cada grupo social uma tendência específica ao suicídio que não é explicada nem pela constituição orgânico-psíquica dos indivíduos nem pela natureza do meio físico. Disso resulta, por eliminação, que ela deve depender necessariamente de causas sociais e constituir por si mesma um fenômeno coletivo” (DURKHEIM, 2011, p. 165).

sistemas de relações. Nesse ponto o corpo se faz relevante como objeto sociológico e a Sociologia do corpo se faz relevante ao desenvolver conceitos, como o de *habitus*, que situam o corpo dentro da disciplina, oferecendo ferramentas práticas e análises empíricas. São referenciais que ajudam a observar os sistemas de relações e as condições materiais de existência dos diversos grupos sociais. (BOLTANSKI, 2004)

Como exemplo e tema de pesquisa, o autor usa os conhecimentos de cuidados médicos para acessar o corpo, o que torna necessária uma contextualização dos problemas de comunicação destes conhecimentos entre paciente e médico. O autor percebe como, ao visitar o médico, as pessoas de classes sociais menos abastadas são tratadas de formas distintas pelos profissionais da saúde, que tendem a usar palavras e frases mais simples, chegando ao ponto da infantilização da comunicação.

Essa dificuldade é aumentada pelo próprio sistema educacional oficial que inculca nos agentes das classes baixas, o respeito pela medicina oficial e a necessidade do conhecimento do médico. Esse conhecimento alienígena gera um distanciamento do próprio corpo, que é abandonado ao discurso do especialista, provocando tensões e ansiedades no indivíduo. As classes populares são excluídas do universo de conhecimentos oficiais sobre o corpo, sem nada para substituir a medicina popular, que em outras épocas preenchia lacunas de sentido que agora são impossíveis de serem completadas pelo discurso científico. Evocando Max Weber, o autor comenta que este é um processo de racionalização e institucionalização que toma conta dos discursos do cuidado com corpo, impondo determinadas condutas às classes populares cada vez mais distantes desses conhecimentos.

[...] os membros das classes populares estão hoje diante da doença, da medicina e dos médicos como diante de um universo estranho que, da mesma maneira que a organização capitalista, segundo Max Weber, preexiste aos indivíduos e impõe-lhes sua linguagem e suas regras (BOLTANSKI, 2004 p. 29).

Para o intelectual francês, o uso das teorias sociais nos permite observar como as relações entre médico e doente são sempre “uma relação de classe” (BOLTANSKI, 2004, p. 41), colocando a estrutura econômica como direcionadora da comunicação e das categorias da percepção médica. Fantasiada de uma relação “neutra” ou

indiferenciada, ela é na verdade, modificada de acordo com a classe social do doente. O elo indivíduo sociedade se dá aqui como em Marx e Bourdieu, fundamentado nas posições de classe.

Através de uma tipologia retirada de um texto médico, Boltanski demonstra como profissionais da saúde aprendem a distinguir alguns tipos de doentes através de técnicas específicas. Têm-se assim divididas as categorias de doentes: os “psicopatas”, “os desprovidos de inteligência” e “os demasiado inteligentes”. Ora, o corpo e os conhecimentos atrelados a ele são cada vez mais distanciados das classes populares. É através dessa tipologia que o autor chama a atenção para a forma como os “desprovidos de inteligência”, estão quase invariavelmente nas classes baixas.

Longe de ser a coincidência de um encontro neutro, “homem a homem”, esses mecanismos que os médicos utilizam para avaliar a classe “psicológica”, nada mais são do que uma ferramenta discursiva usada para mascarar de forma muito tácita e efetiva, os tratamentos relativos à classe social.

Como a percepção que o médico tem do doente opera-se naturalmente através de tais categorias, sua experiência cotidiana, não apenas nunca desmente a legitimidade da tipologia que recebeu durante a educação médica e que herdou de seus antecessores, mas ainda a reforça, exemplificando-a (BOLTANSKI, 2004, p. 41).

O autor ainda demonstra como, ao inquirir pacientes e perceber que usam muitos termos complicados e difíceis, os médicos os colocam na categoria “demasiado inteligentes” sancionando essa linguagem médica. É necessário lembrar ao paciente quem deve ter o domínio do conhecimento e – do jargão – técnicos, quem detém o “monopólio médico” (BOLTANSKI, 2004, p. 45). Além disso, quando em atendimento com pacientes das classes populares, os médicos adotam outras técnicas e posturas, desde brincadeiras infantilizantes até arquétipos de simplicidade na comunicação. O tratamento médico é influenciado pelas condições materiais de existência, e isso é escamoteado como “perfis psicológicos”.

É um método sociológico pautado em paradigmas específicos. Em vez de colocar próprio corpo como instrumento e objeto de pesquisa, o autor se vale de dados empíricos e uma análise qualitativa dos discursos médicos e de escutas de pacientes

para estabelecer as múltiplas faces dos usos e cuidados com o corpo. Alimentação, saúde e mesmo sexualidade são examinados com o intuito de compreender o que as classes sociais, mais que os indivíduos em si, compreendem de seus corpos. O discurso médico, aumenta a distância com as classes populares que não tem em sua linguagem o aparato necessário para expressar suficientemente bem, as causas da inquietação dos órgãos, como ocorre nas classes superiores. O autor chama a atenção para um aspecto da estrutura econômica internalizado a ponto de influenciar a capacidade de sentir o próprio corpo das classes populares. Não que sintam menos ou sintam errado, mas seu discurso sobre o próprio corpo é tão ignorado, e seus conhecimentos tão desautorizados, que nada resta a não ser confiar seu corpo aos conhecimentos especializados, como uma espécie de crença.

Ao observar outros agentes responsáveis pelo cuidado com o corpo, como o curandeiro, concorrente do médico e que precisa coexistir com ele, o autor evoca novamente a consciência de classe. O curandeiro é um especialista no conhecimento e cuidado do corpo. Contudo, diferente do médico, este concorrente ilegal faz parte da classe do paciente, compartilha com ele de momentos e contatos íntimos, além de utilizar uma linguagem imediatamente acessível, que não precisa de uma “tradução de classe” em sua transmissão dos tratamentos e sintomas: um mesmo *habitus*. O eventual apelo a um curandeiro não invalida o conhecimento e tratamento médico. Uma vez que ao final do dia ambos os tratamentos são baseados em certa crença, esses conhecimentos coexistem nas classes populares como camadas de racionalização que se sobrepõem umas sobre as outras sem interferência. Porém, o peso da classe sobre o discurso é novamente aqui colocado:

Se os membros das classes populares falam com admiração da ciência do curandeiro, insistindo, ao mesmo tempo, no caráter inato de sua ciência, não sendo o conhecimento deste, como o do médico, resultante de um aprendizado escolar mas a consequência de um “dom”, é por que o curandeiro, sábio que nada aprendeu e que, permanecendo no meio dos ignorantes, iguala ou ultrapassa o médico, faz com isso uma espécie de vingança de classe: fornece a prova de que o médico não é, nem infalível nem o único depositário do conhecimento médico, e dá o exemplo de um profano que, por espécie de virtude intrínseca ou escolha, tornou-se dono do discurso médico (BOLTANSKI, 2004, p. 50).

Essa passagem é importante, pois mostra como as classes populares têm seus próprios discursos e valorizam esses discursos justamente por fazerem sentido e se contrapõem ao que é colocado como hegemônico, trazendo o conhecimento para dentro do universo de sentido da classe. Longe de sentir apenas vergonha de classe do corpo, as classes populares detêm conhecimento próprio e não derivativo, que consideram significativo. Operam nessas camadas de racionalização que não interferem uma na outra e que, inclusive, ajudam as classes populares a preencherem as lacunas deixadas pelo conhecimento douto sobre seus próprios corpos.

Baseado nessa significação própria da classe trabalhadora, o autor apresenta uma discussão sobre as práticas de se maquiarem e frequentar o médico mostrando como, nas classes superiores, esse cuidado com o corpo é apresentado como positivo e desejado. Para fazer um contraponto, apresenta os gostos e aspectos desejados pelo ponto de vista das classes populares e mostra como, para as mulheres operárias e camponesas, o cuidado meticuloso com o corpo é considerado excessivo e digno de reprovação.

Se os comportamentos em matéria de cuidados corporais e de cuidados de beleza são muito mais diretamente determinados pelas variáveis econômicas do que os comportamentos sanitários, o fato é que as atitudes relativas a saúde são verbalizadas e racionalizadas mais ou menos nos mesmos termos: assim, por exemplo, as mulheres das classes populares traçam um retrato quase idêntico e igualmente reprovado das mulheres que “cuidam da beleza” ou “vão ao cabeleireiro ou à esteticista” e das mulheres que “cuidam da saúde” ou “passam a vida no médico”; as primeiras são “mulheres que tem tempo e dinheiro para isso”, que “não trabalham”, “as mulheres da sociedade”, “as mulheres que tem meios e querem manter a linha”; as outras são “mulheres que não tem grande coisa pra fazer”, que “vivem tendo dores em alguma parte”, que têm “tempo para escutar a si próprias” (BOLTANSKI, 2004, p. 141).

Não só o olhar muda para a “primeira pessoa” das classes populares, como a sua justificativa passa a ser entendida como um princípio a ser objetivamente seguido dentro deste grupo social. A justificativa da estética, baseada na força e na resistência é mais da ordem da necessidade (justamente por sua posição de classe) que moral. Não é um ascetismo baseado em um conjunto de princípios que se orgulha da dor como virtude como nas classes dominantes, mas de ordem prática:

Se ele se recusa a “cuidar-se,” se espera o último minuto para ir ver o médico, fazer uma operação ou hospitalizar-se, é que as coerções cotidianas, as coerções econômicas, principalmente, proíbem, ou, pelo menos, tornam extremamente difícil o abandono das tarefas cotidianas, do trabalho, do trabalho físico que ele exige continuamente do corpo (BOLTANSKI, 2004, p. 142).

Assim o autor conclui que são as coerções, cotidianas e do trabalho, as formadoras desse elo ascético e baseado na força física, na força que move o corpo a trabalhar e subsistir. A linguagem que se exprime no corpo é sistematizada, mas não como em outras classes, uma vez que evoca atitudes que vão além do cuidado. Destarte, mostra como a doença só é percebida, quando termina com as forças da pessoa, quando o corpo já não consegue mais trabalhar, ter forças para se sustentar, então o médico é procurado.

Por outro lado, as classes dominantes já possuem um léxico compreendido e condições materiais que as permite prestar mais atenção aos sinais do corpo, antevendo doenças e sintomas. A medicina como prevenção é um privilégio das classes que gozam dessa naturalidade no tratamento com o discurso médico e não utilizam extensivamente o corpo e a força física para trabalhar. É o caso de um esquema cultural que reflete e perpetua as condições da estrutura social. A doença é para as classes populares, o interrompimento do tempo, do presente, do trabalho cotidiano, quanto menos tempo as doenças tomarem do trabalho, menos tomarão da vida e estarão mais longe de prejudicar o futuro. Isso forma enfim, uma cultura somática, ou seja, o conjunto de regras determinantes dos comportamentos do corpo, produto direto das condições objetivas traduzidas no modo de vida, ao qual o agente deve ajustar-se.

Os dados e entrevistas que Boltanski analisa o levam a inferir, através dos conhecimentos com cuidados do corpo, a capacidade e oportunidades que os agentes têm de prestar atenção aos seus corpos. Mostra como, quem o usa mais intensivamente, (justamente) as classes populares, são privadas de estabelecerem uma relação de escuta com o próprio corpo. Coagidas por sua situação econômica, elas não podem deixar a doença tomar muito de seu precioso tempo e temem que se prestarem atenção demais ao corpo, diminuirão sua resistência às vicissitudes cotidianas, o que pode “reduzir em qualidade e quantidade o trabalho que este fornece.” (BOLTANSKI,

2004, p. 158). É interessante notar como o autor usa uma conotação bastante marxista com a concepção do corpo como fornecedor de trabalho para as classes que dependem dele para sua subsistência, demonstrando também as coerções econômicas como formadoras das “regras de moral” que condicionam as motricidades por detrás da percepção.

Novamente chama a atenção como, no desenvolvimento de sua carreira, Boltanski inverte a ordem, conferindo cada vez mais peso e consideração pelas ações sociais do que para o quanto são sedimentadas nas estruturas, usando justamente as regras de moral. Através do estudo de desacordos, controvérsias e disputas em espaços públicos, sua Sociologia pragmática estabelece novas maneiras de estudar a ação social, partindo das justificações das agentes mais do que de suas posições na estrutura social (MARTINS; AMARAL, 2009, p. 102).

Considerações: influências e legados

É instigante notar como ambos os autores, com tradições sociológicas distintas – Mauss mais ligado à Sociologia durkheimiana e Boltanski ainda influenciado pela Sociologia crítica de Bourdieu – mantém, no momento destes textos, vinculações com o estruturalismo, mesmo tentando superá-lo de formas perspicazes. Isso fica patente inclusive em suas formas de abordar o corpo; sempre por uma espécie de tangente: as técnicas, a saúde e os cuidados são usados como acesso ao corpo, partindo de estruturas maiores que vão sendo introjetadas nas pessoas através do treino e da educação. Ainda assim, são estudos que tentam superar dicotomias da Sociologia clássica com graus variados de profundidade. Tanto o fato social total de Mauss quanto o *habitus* da Sociologia crítica utilizada por Boltanski são ferramentas essenciais na construção da Sociologia contemporânea e seu legado pode ser facilmente identificado em muitas correntes de pensamento que vão desde Merleau-Ponthy e Michel Foucault, a Norbert Elias e David Le Breton, o que mostra a quão superadoras e críticas foram suas ideias.

Fica evidente também como tradições sociológicas podem tratar de uma mesma categoria atribuindo-lhe significados diferentes. Para Mauss o *habitus* é o

produto da educação, que transforma os corpos em portadores das suas sociedades. Por mais que o ato educacional se imponha de fora, num processo de imitação privilegiada por parte do educando, o autor avança evocando o “homem total” – fisiológico, psicológico e social – sendo todo o conjunto deste ato educacional “condicionado pelos três elementos indissociavelmente misturados”. (MAUSS, 2003, p. 405). Já Boltanski utiliza o *habitus* influenciado pela definição da Sociologia crítica de Bourdieu: uma interiorização das atitudes exteriores, na prática cotidiana, não apenas fruto de processos educacionais conscientes. Os agentes possuem uma predisposição prática para lidar com conflitos nas relações sociais que são oferecidos pela estrutura de acordo com a posição social dos agentes. Por mais que Bourdieu – e Boltanski – pretendam nesse momento, superar a antinomia da ação e estrutura, acabam por incorporar os gostos dos agentes como estruturas estruturadas.

O indivíduo adquire preferências e disposições na medida em que incorpora as estruturas sociais, interiorizando a exterioridade. Daí a visão de que as estruturas seriam estruturantes, já que o agente social as interioriza, adquirindo preferências e formando disposições para agir de uma determinada maneira (MARTINS; AMARAL, 2009, p. 96).

Por mais que a estrutura represente o papel condicionante, na Sociologia crítica os indivíduos possuem liberdade para agir, são agentes mais que sujeitos ou meros suportes da estrutura sem nenhum tipo de atitude reflexiva; uma renovação no conceito que se mostrará muito frutífera. Como o próprio Boltanski afirma, a sua Sociologia pragmática não tem a intenção de rejeitar a Sociologia crítica de Bourdieu. “Parece-me que o ponto é reconhecer que precisamos fazer algum desvio, para entender a prática da crítica e, assim, compreender por que é tão difícil criticar.” (BOLTANSKI, 2021, p. 3).

Finalmente, algo que ambos os textos aqui analisados já começam a deslindar, é que os jeitos de ser do corpo são produto da ordem cultural, mas mantém com ela certa relação dialética, ou seja, corpos carregam em sua motricidade as impressões das sociedades que os cercam. Mauss diz que o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Atrevo-me aqui a, humildemente, reinterpretar essa frase dizendo que o corpo é a primeira e mais natural linguagem da pessoa, que expressa

todo o mundo a sua volta: suas condições materiais de existência, as regras que estas condições definem, e os gostos que expressam de formas únicas. Objeto tão essencial, tão natural e óbvio, pode esconder, à frente dos olhos (ou por detrás deles), todo um sistema de coerções e lutas que são próprios do pensamento ocidental, da modernização. O corpo torna-se inapreensível, fugidio, hermético. Ele exige novas formas de pensamento e análise.

O corpo moderno é de outra ordem. Ele implica o isolamento do sujeito em relação aos outros (uma estrutura social de tipo individualista), em relação ao cosmo (as matérias-primas que compõem o corpo não tem correspondência em qualquer outra parte), e em relação a ele mesmo (ter um corpo, mais que ser o seu corpo). O corpo ocidental é o lugar da censura, o recinto objetivo da soberania do *ego*. Ele é parte inescável do sujeito, o “fator de individuação” (Durkheim) em coletividades nas quais a divisão social é admitida (LE BRETON, 2013, p. 9).

Ainda assim, esse corpo individualista e isolado é nódulo efetivamente apreensível da relação social e matéria capaz de estabelecer essa relação. Por mais fechados que tentem permanecer a própria dinâmica social, seja da educação, dos cuidados com a saúde ou da economia, colocam corpos em rotas de colisão e de anuência, gerando harmonia e conflito. O movimento dos corpos movimenta a sociedade.

Creio ter colocado, mesmo com tão poucos exemplos, como o corpo pode ser também fonte de descobertas sociológicas fecundas e de formas inovadoras de acesso às relações sociais. É este objeto tão presente e por isso mesmo tão complexo de ser problematizado em toda a sua pluralidade e diversidade. Na perspectiva desses autores, o corpo está indissociavelmente ligado às suas raízes sociais, a sua classe econômica, que lhe fornecem o universo de significado, que o localiza na realidade. Os conceitos de *habitus* e de fato social total, mesmo distintos, se desenvolvem nessa perspectiva de uma troca dialética entre os corpos e as coletividades e estão na gênese de parte das Ciências Sociais. Por mais tímidos que os textos sejam no avanço da ação social como força considerável da mudança, demonstram possibilidades que foram essenciais na construção da Sociologia pragmática e de outras correntes de

pensamento com ainda mais enfoque nas ações disruptivas da ordem do que na reprodução das estruturas.

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BOLTANSKI, Luc. 2013. Sociologia da crítica, instituições e o novo modo de dominação gestonária. **Sociologia&Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 03 n. 06, p. 441 – 463.

BOLTANSKI, Luc; CELIKATES, Robin; HONNETH, Axel. **Sociologia da Crítica ou Teoria Crítica?** Luc Boltanski e Axel Honneth conversam com Robin Celikates. Blog do Labemus. Laboratório de estudos de teoria e mudança social. 2021. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2019/06/10/Sociologia-da-critica-ou-teoria-critica-luc-boltanski-e-axel-honneth-conversam-com-robin-celikates-parte-1/>> Acesso em: 13 dez 2021.

BOURDIEU, Pierre. 2006. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 07 n. 26, p. 83-92.

DUARTE, Luiz Fernando D. 1996. Distanciamento, reflexividade e interiorização da pessoa no ocidente. **Revista Mana** v. 2, n. 2, p. 163-176.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Lisboa: Editoria Presença, 2004.

GOMES, Lígia Ribeiro e Silva. 2012. Os usos sociais do corpo nas aulas de Educação Física: um diálogo com Pierre Bourdieu. **Atos de pesquisa em Educação**. PPGE/ME FURB, v. 7, n. 2, p. 256-271.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MARTINS, Guilherme Paiva de Carvalho Martins & AMARAL, Marcela Carvalho Martins. 2009. O habitus em Bourdieu e a teoria da justificação de Boltanski e Thévenot. **Latitude**. v. 3, n. 2, p. 94-106.

MAUSS, Marcel. 2003. **As técnicas do corpo**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, p. 401-422.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PANOSFSKY, E. **Arquitetura gótica e escolástica**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1991.